

UM PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A FRONTEIRA SUL DO BRASIL

Entrevista com a Prof. Dra. Ester Judite Bendjouya Gutierrez

*Caroline Dias Eifler¹
Georgea Franck Hosni²*

Apresentação

Ester Judite Bendjouya Gutierrez³ é professora aposentada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Colaboradora nos programas de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP), do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel, e em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da FAUrb da UFPel. Líder do Grupo de Pesquisa Estruturas Ambientais Urbanas e Rurais atuando nos seguintes temas: arquitetura e urbanismo, história patrimonial, educação e escravidão.

Entrevistada

Profa. Dra. Ester Judite Bendjouya Gutierrez

Entrevistadoras

Caroline Dias Eifler
Georgea Franck Hosni

Roteiro

Caroline Dias Eifler
Georgea Franck Hosni

Revisão

Lorena Maia Resende⁴

Caroline e Georgea: A 7ª edição da revista *Pixo* traz como tema fronteiras. Em relação a história da formação da fronteira do Rio Grande do Sul, o que você pode nos contar?

Ester: É um tema que me interessa. Gosto dessa temática da ocupação da fronteira. Vamos começar por onde então? (risos)

Eu posso iniciar falando sobre o que tenho trabalhado, por exemplo, a questão da ocupação desse território. Sobre os nativos não trabalho, tenho um recorte temporal que começo com a ocupação aqui⁵. Vamos dizer assim, a primeira ocupação europeia foi dos jesuítas que reduziram os guaranis, depois é que chegam os espanhóis e portugueses. A gente tem uma ocupação tardia em relação ao Brasil, nós somos contemporâneos a Minas Gerais. Quando começou a descoberta das minas no interior é que foram necessárias as mulas, para carregar esses minérios e pedras e também para abastecer esses mineiros as tropas de gado, de burros, etc. Temos essa contemporaneidade com Minas Gerais. E, por exemplo, a cidade mais meridional fundada pelos portugueses no continente americano foi a Colônia do Sacramento, ela é contemporânea às cidades mineiras. Se a gente observar a arquitetura dessas duas cidades elas são parecidas, só que as cidades mineiras são mais ornamentadas, mais ricas e Colônia do Sacramento é uma cidade militar que foi construída tanto pelos militares lusitanos como pelos militares castelhanos, então ela é sóbria, não tem ornamentações. É muito interessante, porque como eu disse, Colônia do Sacramento passou várias vezes de lado é possível até identificar as duas arquiteturas, a portuguesa com beiral e a espanhola com os terraços nessa própria cidade.

Então meu recorte temporal começa em 1680, minhas pesquisas mais ou menos iniciam por aí. Desde aí tem essa identidade, dessa área platina que é a de fronteira. Porque ela foi e voltou e no fim a delimitaram. Mas a gente tem uma história comum que inclusive ultrapassa esse início. Temos essa identidade do gado introduzida, sobretudo, pelos jesuítas e guara, tem a questão militar pela luta das terras, pela propriedade da terra. Isso é bem uma identidade do pampa, da área platina, que a gente tem, vamos dizer assim, essa origem em comum. Porque os jesuítas, eles se alojam nessa área que é do sul, dando origem a Vacaria do Mar, eles tiveram reduções no que é hoje o Uruguai. Depois, com a invasão dos bandeirantes, os jesuítas se retiram com os guaranis e com o gado para os atuais territórios do noroeste do Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai. Esse gado que ficou aqui, chamado de “chimarrão”, atraiu grupos para a “courama”, ou seja, para matar o gado e tirar o couro. Não são grupos desorganizados, são empreendedores que vem daí e que tem liderança militar, porque eles têm que fazer frente aos castelhanos ou vice-versa, frente aos nativos, e ao próprio gado que foi abandonado e que procriou nessa área aqui. Então são empreendedores que tem liderança militar, o que reforça nossa identidade militar, hoje tão em voga, não é? Tão em pauta, como dizem (risos).

Outra data importante é o Tratado de Santo Idelfonso de 1777, que diz então que a partir do norte do Piratini é português e o sul, o Chuí, é castelhano e nesse meio tem os Campos Neutrais que é exatamente onde estava esse gado “chimarrão”. Os Campos Neutrais, como o nome diz, não deveria ter ocupação por nenhuma das duas coroas, mas como ali tinha esse gado, era uma movimentação bárbara. Hoje, esse Campo Neutral é onde está o Taim, vai até o Chuí. No Taim termina o município de Rio Grande. Então esse seria o limite, mas, por exemplo, Jaguarão está abaixo desse limite porque os portugueses foram indo, foram indo (...). Jaguarão teve como primeira ocupação europeia uma guarda que era castelhana, os portugueses tomam conta, aí fica aquele

1 Acadêmica em Arquitetura e Urbanismo UFPel. E-mail: caroline.eifler@yahoo.com.br

2 Acadêmica em Arquitetura e Urbanismo UFPel. E-mail: georgeahosni@gmail.com

3 Professora Titular na UFPel - Pesquisadora. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: esterjbgutierrez@gmail.com

4 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU). Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2016). E-mail: lorenamilitao@gmail.com

5 Referindo a história do Rio Grande do Sul.

vai e vem, vai e vem até que os portugueses se assentam ali. Os portugueses têm uma tática de ocupação que é a doação de sesmarias. Assim, eles colocam esses proprietários lá para defenderem essa terra para Portugal, então, independente, às vezes do próprio tratado, eles vão doar essas terras que pelo tratado estariam em mãos castelhanas, e assim eles vão ocupando. Os espanhóis vendiam por preços ridículos, era só para dizer que vendiam, mas os portugueses, eles são mais incisivos nesse tipo de prática. Então é a partir desse tratado que começam mesmo a se desenhar esse limite entre as duas coroas.

Caroline e Georgea: E sobre o Rio da Prata?

Ester: Pois, o Rio da Prata. É exatamente na margem esquerda do Rio da Prata que foi fundada a Colônia do Sacramento e já tinha sido fundada lá, em 1536, Buenos Aires à margem direita, então, os portugueses fazem frente a isso. Vocês imaginam que o que estava praticamente valendo era o tratado de Tordesilhas, onde o Brasil acabava em Laguna, naquela faixa ali, e os portugueses vão avançando e vão tomando o território. Os portugueses também têm a questão de medições de terra, a questão da cartografia bastante avançada. Então, nas mesas de negociações, nos tratados de Madri 1750, Santo Idelfonso 1777, eles vão ganhando território pelo conhecimento dessa geografia (...) vão desenhando, na mesa de negociações eles têm vantagem. Eles até podem perder no campo de batalha, mas na mesa de negociações eles vão levando vantagem.

Caroline e Georgea: E quais as características ali das Estâncias de Jaguarão?

Ester: Essa é uma questão importante, porque a gente tem essas doações de sesmarias que originaram grandes estâncias que são grandes extensões de terra, e, que por um lado, não permitiram o desenvolvimento industrial dessa região. Isto porque é uma região, no caso brasileiro, latifundiária, como a gente chama hoje, de grandes proprietários rurais. Na época, senhores de escravos com uma mentalidade logicamente, bastante escravista.

O Rio Grande do Sul por um tempo se disse muito avançado, mas não é. A gente está vendo hoje todas essas manifestações. A manifestação da senadora, por exemplo, como é que estão se manifestando esses proprietários rurais na atualidade? Isso chega aqui, agora, nesse momento, em função dessas grandes doações de terra que foram permanecendo, claro que foram diminuindo, foram saindo da família, foram sendo vendidas, etc. Mas, essa tradição permanece e é muito rígida, muito forte, aqui, nessa região da fronteira. Se nós pegarmos a zona colonial que era de origem alemã, italiana ou outra é diferente, pois é a pequena propriedade, a manufatura, a indústria, é outro desenvolvimento. Eles dizem “ah, eu sou gaúcho”, eu digo, “não, vocês não são” (risos), eles ficam furiosos comigo, “vocês não vivem no pampa, é outra coisa”. Não querendo ofender nenhum dos dois lados, nada disso, mas é outra cultura, outra tradição. E essa nossa fronteira aqui, no Rio Grande do Sul e do lado também com a Argentina, não é diferente. Então nós temos esse bioma pampa, que eu procuro, procuro, procuro a definição dele, os limites, e nunca são bem claros nos textos que eu encontro para definir. Mas abrange essa parte do Rio Grande do Sul, o Uruguai, o norte da Argentina, por onde a gente faz fronteira, é exatamente.

Caroline e Georgea: E essa região do pampa tem muitas similaridades.

Ester: Porque tem essa ocupação baseada na questão do gado e na questão militar. Nós temos essa tradição. Bagé, por exemplo, o que tem de ruas, ginásio, de tudo, com nome de militar. Está cheio! Grande parte dos militares, do período militar, que foram presidentes da República. Passaram por aqui ou nasceram no Rio Grande do Sul, não é? Então sabendo da história não fica surpreso. Sabe dessas manifestações que

estão ocorrendo e que nós vimos na caravana do Lula, eu vou falar da manifestação da senadora Ana Amélia Lemos. Ela falou que tinha que “dar relho”, que isso? É coisa de grande proprietário, senhor de terras e cativos, que ainda permanece entre nós.

Caroline e Georgea: E quanto à escravização dos nativos?

Ester: Teve, mas muitos deles foram reduzidos pelos jesuítas. Não é uma escravidão, mas é uma redução, o nome fala. Eles tinham todo um sistema disciplinar ali dentro que nós não vamos entrar aqui. Mas também teve escravização de nativos, agora foi muito difícil porque os nativos adoeciam, os nativos também fugiam, mais fácil essa resistência da fuga porque eles conheciam o território, eles são daqui. Diferente dos africanos e afrodescendentes que chegavam em um lugar estranho, então a fuga é mais difícil. Ambos sofreram com as doenças. Muitos foram extinguidos por tudo, até por gripe.

Caroline e Georgea: Mas foi um aspecto bem relevante na história?

Ester: Foi, foi, foi. Por exemplo, a gente vê nestas cartas de arquitetos militares que vem para as comissões de definição dos limites de fronteira, fixar os marcos de fronteira, eles falam dos nativos que tem, da escravização dos nativos, para extrair pedras. No caso de Pelotas também, para extrair argila para fazer tijolos, eles estão fazendo esses levantamentos, são técnicos, altos profissionais, e estão fazendo essa análise dizendo lá para coroa o que tem e o que não tem. Estão falando então da mão de obra que é a escravização desses nativos. Rio Grande é a primeira ocupação lusa aqui no atual Estado, em 1737. A construção de Jesus, Maria e José conta com a escravização de nativos, de africanos e de afrodescendentes.

É interessante também outra visão. Eu tenho um colega, que ele é historiador em Rivera, é uruguaio, o Eduardo Palermo⁶. A dissertação dele e a tese de doutorado são sobre as Estâncias do norte do Uruguai, então faz esse nosso contraponto. Palermo fala muito da visão que o Uruguai como um todo tem do norte do seu país, que é um lugar de negros, de nativos. E nós vamos ter também muitos dos estanceiros daqui com estâncias lá no Uruguai, em Taquarembó, Trinta e Três, Melo e outras localidades, tudo isso eles vão ter. No Uruguai a Abolição se dá muito antes, em 1842, então eles têm toda essa coisa de transitar com os trabalhadores escravizados rurais, que vai e volta, né. Nessas guerras de fronteira também, os cativos serviam de “bucha de canhão”, o senhor não mandava seu filho, mandava em seu lugar o trabalhador escravizado. E, na própria Guerra Farroupilha, que foi uma revolução para definir outros limites - porque aí era a independência do Rio Grande do Sul - então iríamos ficar ilhados entre o Brasil e o Uruguai. A promessa foi que depois da guerra, os escravos que lutaram na Revolução Farroupilha iriam ter a liberdade, e o que aconteceu? Aconteceu que lá em Ponche Verde o que eles fizeram com os lanceiros negros? Uma batalha, que como diz o nome eles estavam com lanças, os demais com armas de fogo e foram dizimados, não é isso?

Então as nossas dúvidas de fronteira estão assim. E claro, toda a questão das instalações fortificadas que aqui no Rio Grande do Sul a gente tem. A grande maioria está destruída. Têm fragmentos desses fortes, fortalezas, fortins. E essas estâncias fortificadas que eu encontrei em Jaguarão, depois eu vi referências escritas de viajantes no Uruguai falando dessas estâncias fortificadas lá. Além disso, um grupo de

⁶ Doutorando pela Universidade de Passo Fundo (2014), possui Mestrado pela Universidade de Passo Fundo (2008), possui Graduação em História pelo Instituto de Professores Artigas do Uruguai (1988). Dissertação de mestrado intitulada “ *Tierraesclavizada: el norte uruguayo em la primera mitad del siglo 19*” Disponível em <<http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/69?mode=full>>. Acesso em: junho de 2018.

alunas minhas aqui na graduação, Teoria 4 ou 5, fizeram um trabalho e conseguiram também imagens dessas estâncias fortificadas do lado uruguaio. Agora, aí poderia ter pesquisa. É uma tipologia de estância que é muito característica, que não se tem nenhum estudo detalhado sobre isso. Está pedindo, dizendo “aaah eu tô aqui”. Tem a monografia dessas gurias, tem esse texto nosso, que é inicial, não é nada aprofundado, mas que também fala dessa tipologia de estância fortificada que eu não sei se é pelas lutas de fronteira, ou se é pelas lutas entre as diferentes parciaisidades locais, entre as próprias elites. Por exemplo, aqui na Guerra Farroupilha, a gente tinha a elite que era favorável à Revolução Farroupilha e tinham aqueles que estavam favoráveis à monarquia, às vezes, a elite se separa, não vive sempre abraçada, não. Então eu não sei se essas fortificações - porque eu não tive um material - foi um trabalho que a gente fez no “ligeirão” também, fica a dúvida se elas eram usadas em que circunstância, e pode ser em ambas, não são excludentes, são lutas de fronteira ou lutas entre suas parciaisidades. Até porque entre os vizinhos têm muita briga.

Nas cidades também, a gente tem certa similaridade que são as cidades reticuladas, claro que o reticulado castelhano, espanhol, é um e o reticulado português é outro. Tem a cidade de São Gabriel que eu queria estudar, eu nunca estudei e que foi feita pelo Félix de Azara, um arquiteto militar castelhano que desenhou várias cidades uruguaias e que desenhou São Gabriel, mas esse foi um estudo que eu nunca fiz. Azara vem para fazer os marcos de fronteiras, ele é um cara também que propõe as pequenas propriedades, a doação, a venda com os governos, com as pequenas propriedades. E o Artigas, que foi o herói uruguaio, ele foi oficial dele, é o cara que tenta fazer uma reforma no Uruguai, mas não consegue. Isso porque Brasil, Argentina e as forças mais conservadoras do Uruguai se juntam e o expulsam, ele vai exilado para o Paraguai e morre lá. No entanto, o Uruguai difere um pouco de nós, falando dessas diferenças porque tem um pouco da pequena e média propriedade. Com exceção da área colonial, onde tem a pequena propriedade, as demais são compostas por grandes propriedades. Agora temos de olhar para os limites nas fronteiras do Rio Grande do Sul. As pequenas propriedades estão no centro do estado e as grandes propriedades “hmmmmmmmm” fazem a volta, as pequenas estão cercadas.

Caroline e Georgea: E tem a questão também da zona de água, que elas também foram se instalando próximas.

Ester: Sim, sim, mas eu estou falando da questão das distribuições de terras no Brasil, em particular no Rio Grande do Sul. As grandes propriedades estão fazendo um cinturão, enquanto a pequena propriedade, os imigrantes estão no centro do Rio grande do Sul. É uma questão de limite de fronteira do Rio Grande do Sul com Santa Catarina. A relação com o mar aqui em Pelotas, tu vais ver como as grandes propriedades estão nessa área, aqui, lagunar, e a pequena propriedade na Serra dos Tapes. Onde é que estão os colonos? Estão na Serra, não estão nas margens.

Caroline e Georgea: E, além do Rio da Prata, existe algum outro elemento natural de relevância nesse processo de formação das fronteiras?

Ester: Olha, o Rio da Prata - isso eu sempre falo em aula - é que se a gente olhar a América do Sul, o continente Sul Americano, só tem duas grandes entradas de água: uma é o Rio Amazonas ao norte da América do Sul e a outra é o Rio da Prata no sul da América do Sul. Então esses rios é que tem penetração no interior do continente e foi por aí que foi feita essa ocupação europeia, porque os caminhos eram marítimos, lacustres e fluviais. Até agora a gente está com problema com a estrada Porto Alegre – Pelotas, não é assim? Apesar de toda essa decisão aí, que vem desde o JK, depois, enfatizada pelos pelo governo militar da estrada de rodagem, etc. Ocorre o fechamento de portos e ferrovias, mas as nossas estradas de rodagem ainda são precárias, não

há dúvidas então nesse momento de ocupação, pior, né? E aqui, na nossa região, a ligação do mar se dá pela Laguna dos Patos, Canal São Gonçalo e Lagoa Mirim, pode-se chegar no Uruguai. Logo, essa ocupação se dá por aí.

Caroline e Georgea: Pelos rios?

Ester: E pelas duas lagoas, a Mangueira não, porque a Mangueira fica separada não tem ligação, mas o Canal São Gonçalo une a Lagoa dos Patos à Lagoa Mirim, então atende desde o porto de Rio Grande até o Uruguai. Esse foi outro grande fator na questão dos limites, os limites da Lagoa Mirim e do Rio Jaguarão. Agora nos últimos anos, eu falo no século XX, quando fizeram a Ponte Barão de Mauá, que liga os dois países, Brasil e Uruguai. Uma coisa importante, essa ponte é o primeiro bem tombado em nível dos dois países, não tem nenhum outro bem que seja reconhecido em nível do Mercosul. Essa ponte é superimportante. Quando se dá a construção dessa ponte vem muita gente, muitos imigrantes para a construção, além da definição dos limites, como disse, dentro do Rio Jaguarão, dos limites dentro da Mirim. A ponte tem o primeiro projeto do escritório de Rudolf Ahrons, um arquiteto alemão que o Theo Wiederspahn trabalhou com ele, foi um dos primeiros professores de concreto armado no Rio Grande do Sul. Ele faz uma proposta que não é construída e, depois, o engenheiro uruguaio, Quinto Bonini fez o projeto executivo, mas aproveita a ideia dos arcos pensados por Ahrons e acrescenta quatro torres aqueles quatro torreões, que é uma coisa que é neocolonial, vamos chamar assim, a linguagem.

Caroline e Georgea: Em que ano que foi construída a ponte?

Ester: A Ponte Barão de Mauá⁷ foi construída entre os anos de 1927 a 1930. É um neocolonial, vocês veem que tem aquelas torrezinhas com telhadinhos, o beiral em quatro águas ali em cima, então a ponte faz uma referência a esses torreões, fortalezas e aos elementos de fortificações.

Caroline e Georgea: Todos esses elementos para identificação.

Ester: Para identificar essas estâncias mais antigas que fazem referência, e tem agora na atualidade o projeto dessa segunda ponte que vai sair. “Tá um tititi pra cá, um tititi pra lá”, a localização vai ser mais adiante da atual ponte.

Mas por exemplo, se tu pegas a literatura do Schlee⁸, ele trata desse período na época do cinema, eu já li alguma coisa dele. É muito interessante que vem muitos trabalhadores também. Quando eu fiz a pesquisa sobre a ponte encontrei fotos com vários trabalhadores de vários lugares do mundo, sobretudo europeus, engenheiros da construção, porque é uma obra enorme. A primeira ideia de um arquiteto alemão é de 1913.

Caroline e Georgea: Além da questão das estâncias, o que tu achas que se perpetua desde a época da formação? O que se mantém?

Ester: Pois é, mas tudo isso que nós falamos da cultura não se mantém? A cultura militar não se mantém?

⁷ Ver mais detalhes no artigo da entrevistada Ester Gutierrez “Ponte Internacional Barão De Mauá: Patrimônio Binacional”. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Patrim%C3%B4nio-cultural-Brasil-e-Uruguai-os-processos-depatrimonializa%C3%A7%C3%A3o-e-suas-experi%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Pg. 32 – 57.

⁸ SCHLEE, Aldir Garcia. *Fitas de cinema*. Porto Alegre: Ardotempo, 2015.

Caroline e Georgea: E a própria economia se move da cultura que se iniciou?

Ester: A cultura se mantém. A senadora não quer “dar relho”? Quer “dar relho”. Nós não comemos churrasco para nos reunirmos? Cada um traz um pedaço de carne e está feita a festa, não é isso assim? E esse reacionarismo, eu sinto dizer, se mantém. Essa exclusão dos trabalhadores, sobretudo afrodescendentes, também se mantém, apesar de hoje terem uma certa visibilidade. No Uruguai atualmente também estão tendo certa visibilidade. Sempre se disse que aqui no Sul não tinha escravo, não tinha negro, agora a gente está vendo os negros porque eles estavam lá no “fio o fó” do mundo, no interior do interior e ninguém enxergava.

Caroline e Georgea: Do Uruguai?

Ester: Do Uruguai, do Brasil e do Rio Grande do Sul também. E são essas políticas públicas do período do Lula e da Dilma - não sou PT, não sou filiada ao PT - que também estão permitindo essa visibilidade na universidade, na intelectualidade, e estão ajudando. Mas se Jaguarão tinha aquela sociedade, que é o Clube 24 de Agosto. A presença afrodescendente aqui, que nós não queremos admitir, nós, rio grandenses, os gaúchos, como um todo. E quando eu falo gaúcho eu falo sul do Rio Grande do Sul, estou falando do Uruguai e do norte da Argentina.

Estou falando porque é uma cultura, tem essa divisão, essa política, essa cultura é muito próxima, mas claro que com as suas diferenças. Vou dar outro exemplo para vocês, um estudo que eu fiz para um evento sobre patrimônio agroindustrial mostra essa identidade cultural que nós temos. É um estudo comparativo sobre o frigorífico Anglo que fica em Fray Bentos, no Uruguai e o frigorífico Anglo que fica aqui em Pelotas⁹. O estudo demonstra que tudo vai “batendo”, todas as datas. Primeiro, é com o capital local, depois, os ingleses “tomam conta”, aí eles saem, tem algumas iniciativas locais que não dão certo, o governo Uruguai toma conta e lá agora é o Museu da Industrialização do Uruguai e estão colocando também cursos universitários que eu acho, não garanto, isso eu ouvi em outro evento que eu fui de uma pessoa que estava apresentando sobre esse local, é da Universidade Oriental do Uruguai. Agora, o Anglo do Uruguai e patrimônio da UNESCO. Quase o mesmo tipo de ocupação ocorreu com o Anglo de Pelotas.

Caroline e Georgea: E a instalação do frigorífico, as datas?

Ester: As datas eram todas mais ou menos batendo.

Caroline e Georgea: E o local?

Ester: Claro que ela está na beira d’água já que os dois iniciam de uma charqueada, claro que o do Uruguai foi muito maior do que o nosso, inclusive todo o espaço maior. No Uruguai têm habitações para diferentes níveis de operários, clube, escola. Aqui não foi assim. Porque quando eles saíram e abandonaram, não ficou documentação ou maquinário, com nada. Lá eles ficaram com tudo, então eles têm essa documentação

9 GUTIERREZ, Ester J. B. e SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Frigorífico Anglo nas bandas de lá e de cá: Fray Bentos, Uruguai e Pelotas, Brasil. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PATRIMÔNIO AGROINDUSTRIAL. 2014, San Miguel de Tucumán. *Anais do IV Seminário Internacional de Patrimônio Agroindustrial*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de San Miguel de Tucumán, 2014, s.p.
Dissertação de SALABERRY, Jeferson Dutra. *A agroindústria no bairro do Porto: Pelotas – RS (1911-1922)*, 2012, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/jeferson_dutra_salaberry.pdf>. Acesso em: junho de 2018.

para poder ter esse museu da industrialização do Uruguai.

Caroline e Georgea: E a decadência na crise?

Ester: A crise foi o mesmo período. Foi igual, igual, igual. O que é uma loucura isso. Então, a gente tem todas essas diferenças aqui no Rio Grande do Sul até nessa fronteira sul aqui nossa, nós temos diversas diferenças. A gente tem esse pessoal, mas tem gente progressista também, não é só o pessoal do “relhaço” não, mas apesar de toda essa diversidade a história dos dois frigoríficos Anglo mostra essa identidade que nós temos com a mesma produção e porque as datas foram batendo “tchuctchuctchuctchuctchuc”, muito engraçado.

Caroline e Georgea: Até os períodos de altos e baixos?

Ester: Tudo, tudo, tudo então a nossa história é muito, muito próxima. Então a gente teve esse primeiro período de ocupação das duas coroas ibéricas daqui para lá e de lá para cá, e mesmo assim com a definição dessas fronteiras. Agora nós não temos guerras de fronteira, ainda bem, né? (risos)

A gente tem uma história muito similar, com muitos pontos em comum, com muita identidade cultural, de comida. Agora a gente tem uma língua que está sendo criada aqui que é o “portunhol”, não é? E que é uma mistura e que eu acho que vai se consolidar uma língua nova, né? E para se consolidar como tal, ela tem que ter não sei quantas publicações nessa língua. Tem um pessoal que estuda o portunhol e a consolidação dessa língua da fronteira.

Caroline e Georgea: E assim vai se fundindo as duas culturas.

Ester: Vai se fundindo. Vocês conhecem o Noé¹⁰? Conhecem. Ele não sabe mais o que é português e o que é espanhol, de vez em quando ele diz: “essa palavra é português ou é espanhol?” (risos). Ele é de La Coronilla, região de fronteira, fica aqui a 20km da fronteira com o Chuí. Nasceu nessa cidade assim como seus familiares moram ali, só depois que ele veio para cá, estudou aqui em vários lugares. Ele foi para o Rio de Janeiro também, mas ele é originário ali da fronteira.

Caroline e Georgea: Sim, o conhecemos. E quanto aos recursos naturais?

Ester: É o mesmo bioma, o pampa.

Caroline e Georgea: Então isso também ajuda na cultura, dos hábitos, por serem todos similares?

Ester: Claro que ajuda, é a produção agrícola e pastoril também, não é?

Caroline e Georgea: Sim, são os mesmos produtos mais ou menos que vão ser cultivados.

Ester: As culturas que vão ser feitas aqui também vão ser feitas lá, se bem que o solo no norte da Argentina é o mais fértil do mundo.

10 Noé Vega Cotta de Mello, Arquiteto e Urbanista, proprietário do Escritório de Arquitetura Vega& Amaral e professor aposentado da Universidade Católica de Pelotas.

Caroline e Georgea: Enquanto as pessoas também se observa essa similaridade?

Ester: Também, também. A gente vê uma similaridade, vamos dizer assim, na miscigenação que a gente tem aqui no Sul, porque eles têm também uma presença muito forte de italianos, mas tem também de teutas, alemães, nessa área, mas sobretudo italianos o que também dá essa mistura para nós. Tem essa questão dos nativos serem dizimados também como os nossos hoje, o que a gente vê com os nossos nativos nas estradas, pedindo esmola, em situação muito precária.

Caroline e Georgea: E sobre o Chuí-Chuy, tens alguma colocação? De Jaguarão se falou muito também, das grandes estâncias que se formaram.

Ester: Mas o Chuí é a mesma coisa. É geral. Bagé, a mesma coisa. Livramento também é a mesma coisa, até chegar em Uruguiana que está bem na pontinha da fronteira tríplice.

Caroline e Georgea: Se mantém uma regularidade.

Ester: É sim. E as nossas cidades também. Vocês vão ver que todas as nossas cidades, o próprio Chuí, Rio Grande, Santa Vitória, Jaguarão, Bagé, Uruguiana, todas elas são reticuladas, cercadas de estâncias, possuem essa cultura e estão no bioma pampa.

Caroline e Georgea: E teria mais algum destaque para essa fronteira?

Ester: Destaque em que sentido? É que essa fronteira em primeiro foi Sacramento, depois eles fundaram Montevideo, em 1726. Em 1737 teve Rio Grande, a primeira ocupação portuguesa, no atual Rio Grande do Sul. Mas em 1680 eles botaram lá longe, a Colônia do Sacramento, na frente de Buenos Aires que já estava lá desde 1537, 1536. Então, eles foram aonde eles puderam e depois eles vieram recuando. Inclusive, nessa época houve a mudança da capital da Colônia, de Salvador para o Rio de Janeiro, exatamente na data, e isso não pode ser só coincidência da ocupação dos espanhóis do território entre Rio Grande e Laguna entre 1763 a 1776. O que faz o governo português? Ele transfere para ficar mais próximo.

(pausa)

O tema que eu gosto muito é sobre os dois frigoríficos. Na atualidade os dois frigoríficos têm ocupações e funções muito próximas. No Uruguai tem o museu e as escolas que estão iniciando agora, e aqui no Brasil tem parte da nossa universidade lá dentro.

No Uruguai é muito mais poderoso, muito mais, vocês podem ver na internet que tem muito trabalho sobre isso, muita imagem, é bonito, até a questão gráfica deles é muito linda, a questão dos rótulos das propagandas é maravilhosa, o trabalho gráfico, só fazendo esse recorte, “maravilha”, “lindo, lindo, lindo”.

Caroline e Georgea: Interessante! Essa parte, inclusive, estávamos discutindo recentemente em uma aula de restauro. Comentávamos como a universidade acaba retomando o patrimônio (ao restaurar e ocupar) que talvez poderia estar defasado, abandonado.

Ester: É verdade.

Caroline e Georgea: Podendo até esquecer de todo o patrimônio.

Ester: Pena que as intervenções aqui¹¹ têm sido muito ruins, né? Muito, muito. Aliás, a nossa universidade não tem um plano diretor, então ela não sabe “vai daqui pra lá e de lá pra cá”. Como é que vai organizar espacialmente todos esses campus que a gente tem? Eu acho interessante esses campus pulverizados, mostra mais a presença da universidade do que se ela tivesse num campo restrito “feudal”, inclusive eu acho que favorece a integração com a comunidade.

Caroline e Georgea: Sim, movimentada as ruas.

Ester: A UFPel tem o projeto Vizinhança, não sei como está funcionando, mas pelo menos tem algumas iniciativas nesse sentido. Tem também a coisa de recuperar, de aproveitar, de sustentar, de lembrar, não é? Que envolve todas essas coisas (...). O que me deixa triste é que as intervenções têm sido muito ruins.

Caroline e Georgea: Compreendemos.

Ester: Aquela biblioteca “amarelo ovo”, o próprio Anglo, eles terminaram e detonaram, aquilo virou não sei o que, mas ao menos tem alguns “fragmentinhos”.

Caroline e Georgea: Pelo lado positivo se mantém, ao menos não deixam ficar ociosos esses prédios e mais defasados

Ester: Isso foi um trabalho da Ana O.¹² e meu, chamado “Universidade na Cidade”, foi um trabalho de extensão que o DCE apoiou e comprou. Nós pichamos os muros e fazíamos projeções nas paredes.

(pausa)

Acredito que essa entrevista foi bem elucidativa porque nós fomos desde 1680 até a data de hoje.

Caroline e Georgea: Com certeza! Até os problemas atuais, o que trouxe de problemática o que não trouxe, a intenção era fazer uma reflexão de tudo abarcar os vários sentidos que a palavra fronteira carrega. Estamos fazendo a disciplina de RCE (Requisitos Curriculares de Extensão) sob orientação do Eduardo Rocha e decidimos publicar na revista Píxo.

Ester: Só um complemento quanto a essa disciplina que a universidade inventou sobre extensão, que a meu ver é uma “barbaridade”! Extensão ser disciplina para começar já está errado. Extensão não é disciplina, tudo tem que ser caixinha, nem o ensino não precisa ser composto por disciplinas. Mas eu sinto que tanto os professores, quanto os estudantes, quanto à reitoria e, sobretudo, a secretaria geral dos cursos entende só a caixinha, só a disciplina. E a vida, a vida acadêmica é muito mais do que isso.

Caroline e Georgea: Muito obrigada pela entrevista Ester, grandes aprendizados sobre a Fronteira.

¹¹ Referência aos atuais prédios da Universidade Federal de Pelotas.

¹² Referência a Arquiteta Urbanista, professora Dr^a. da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, Ana de Oliveira da Costa.